

1. Introdução

“Precisamos de um instrumento teórico e pedagógico que nos leve a pesquisar textos, seus contextos e suas ideologias – para vermos como gêneros são escritos, usados e como funcionam como respostas a uma cultura social e intelectual de um grupo particular em um período histórico” (Hyland, 2000, p.2).

1.1. Histórico

A preocupação com a *redação do vestibular*, incluindo sua configuração textual, bem como sua instauração enquanto processo social, tem me acompanhado desde quando me incluí na comunidade acadêmica, ainda quando vestibulanda. Logo no início do curso de Letras, tive particular interesse por esse gênero textual, uma vez que comecei a trabalhar em cursinhos pré-vestibulares, no ano de 2001. Nessa época, comecei a perceber que, além de ser enfatizado um tipo de estrutura amalgamada, pouco mutável, ou seja, que não se adaptava à realidade de possibilidades lingüísticas dos vestibulandos, o ensino também não se voltava ao tratamento da *redação do vestibular* como um processo social.

Percebia também que a prática docente nesses ambientes de ensino, os cursinhos pré-vestibulares, tencionava apresentar modelos de construção textual que tendiam a uma massificação da produção de texto, uma vez que eram trabalhadas formas únicas e totalizadoras que, segundo os adeptos, serviriam para trabalhar todo e qualquer tema que fosse exigido pela banca, ou seja, todo e qualquer tema que “caísse” na prova de redação.

Além disso, observava que era dada, nesse contexto, extrema atenção aos erros de cunho gramatical, e enfatizados, no processo de ensino, aspectos como: concordância, regência, colocação, etc. Um outro aspecto trabalhado era a concepção de texto enquanto uma unidade de sentido. Dentro dessa perspectiva, eram abordados aspectos inerentes aos processos de coesão e coerência textuais tais como: unidade, continuidade, progressão, contradição, articulação, dentre outros.

Há ainda o fato de que eram trabalhadas também questões referentes à não-marcação da subjetividade nas *redações do vestibular*, ou seja, por se tratar de um texto formal, uma vez que é assim concebido, não deveria haver nele

nenhum tipo de marcação de subjetividade, quer por meio do uso da primeira pessoa ou por meio da marcação de opinião, dentre outros.

Aproximadamente na metade do curso de graduação em Letras, trabalhei como monitora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa, instituição pela qual concluí o curso de Letras. Nesse novo ambiente, uma outra realidade foi-me apresentada. A título de esclarecimento, minha função, dentre outras, era analisar as redações produzidas pelos alunos e tecer comentários sobre as mesmas, ministrar semanalmente uma oficina de produção de textos, em horário extra-curricular, bem como prestar atendimento individual aos alunos do terceiro ano do Ensino Médio dessa instituição. Nessa nova realidade, fui orientada pela professora das quatro turmas do terceiro ano a, ao invés de corrigir os textos, tecer comentários acerca não só das ineficiências, mas também de estratégias textuais eficientes encontradas nos textos dos alunos. Então, pude ter contato com uma nova forma de olhar o texto do aluno, no processo de ensino-aprendizagem de textos escritos, incluindo a *redação do vestibular*.

Após ter concluído o curso de Letras, já no ano de 2005, passei a atuar como professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, onde ministrei também disciplinas de produção de textos. Além disso, comecei a participar do processo de avaliação do vestibular da UFOP, como membro da banca de avaliação da redação. Dentro desse contexto, comecei a confirmar certas expectativas que trazia desde a época em que era vestibulanda. Uma delas é o fato de que modelos amalgamados de estruturação textual, que de tão recorrentes parecem ‘lacunares’, em que os produtores estão somente preenchendo as lacunas, com relação com o tema, nada além disso, não eram bem vistos pela banca. Outra é a questão de que um texto *dissertativo* não se resume a um texto que traga somente seqüências tipológicas dissertativas (Marcuschi, 2002). Outra é de que aspectos gramaticais têm pouco valor, se comparados a aspectos argumentativos, por exemplo (vide tabela apresentada no Capítulo 5 – Metodologia). Outra expectativa era a de que a marcação da impessoalidade não tem relação direta com o grau de eficiência dos textos.

Dentro dessa perspectiva, a preocupação que fui desenvolvendo em torno dessa particular produção textual assumiu contornos mais bem definidos quando passei a participar do outro lado do processo, sendo parte da banca avaliadora. Assim, posso dizer que o problema focado nesse trabalho tem relação direta com as minhas vivências em ambientes pedagógicos diversos, como vimos, mas

que retratam a amplitude e a complexidade que giram em torno desse tipo de produção textual. As dificuldades dos vestibulandos quanto à aquisição do gênero *redação do vestibular*, as dificuldades dos docentes no processo de ensino e, por fim, o manejo do texto do candidato pela banca, com finalidade de avaliá-lo, são, portanto, temas correlatos ao escopo desse trabalho.

1.2. Justificativa e relevância da pesquisa

A *redação* tem se apresentado como um dos itens mais preocupantes do concurso vestibular, tanto por parte dos alunos, quanto por parte dos profissionais da educação. Várias abordagens têm sido propostas, visando à adaptação dos concursos às novas propostas de ensino - optando por questões mais voltadas para a adequação a um modelo mais interativo e menos tradicionalista - bem como para o uso de gêneros discursivos pelos estudantes.

Entendendo a estruturação da *redação do vestibular* como sendo organizada e recorrente, torna-se relevante que se proponha analisar seus aspectos constitutivos no tocante à sua configuração textual, ou seja, no que tange à estrutura do gênero materializada nos textos. Essa análise inclui os participantes, com suas intenções e objetivos, ou seja, os propósitos comunicativos, sempre interdependentes do contexto situacional, que se configura como o da seleção para o ingresso numa instituição superior de ensino, e do contexto cultural, que corresponde ao conjunto de relações de sentido emergentes em uma dada sociedade, em um dado espaço temporal.

Meurer (2000, p.29) afirma que:

[C]ada vez mais, evidencia-se a necessidade de novos estudos sobre diferentes gêneros textuais que desenvolvam instrumentais teóricos e práticos para demonstrar que, através de textos orais e escritos, criamos representações que refletem, constroem e/ou desafiam nossos conhecimentos e crenças, e cooperam para o estabelecimento das relações sociais e identitárias (Meurer, 2000, p.29).

Em se tratando o vestibular de um exame decisivo para a futura carreira profissional do candidato, e, também, considerando que a *redação*, principalmente em reconhecidas instituições de ensino, representa um grande percentual da nota final do concurso, podendo, na maioria das vezes, ser decisiva para a aprovação ou não do candidato, é extremamente pertinente o desenvolvimento de uma pesquisa que enfoque esse tipo de escritura, de forma abrangente. Além disso, embora já sejam conhecidas muitas pesquisas que trabalhem a *redação do*

vestibular, tais como a de Costa Val (1994), Pécora (1992), Barros (1985), ainda não se tem pesquisas suficientemente abrangentes que abordem estas produções textuais como gênero, explorando aspectos não só inerentes à sua configuração textual, mas também inerentes ao processo social que representam.

Vale acrescentar que este trabalho caracteriza-se por seu engajamento com formas de letramento social e ensino da escrita em contextos reais e materiais de uso da linguagem. O estudo aqui desenvolvido, portanto, considera a interação verbal em situação histórico-cultural determinada, e baseia-se em um *corpus* de 135 redações, que foram escritas nos anos de 2004, 2005.1 e 2005.2, correspondendo a um total de aproximadamente 30.000 palavras. As Universidades que nos cederam, gentilmente, o *corpus* foram a UFV (Universidade Federal de Viçosa- MG), a PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e a UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto- MG).

Marcuschi (2005, p.10) diz que “pelo uso de textos, não só organizamos nossas ações diárias, mas também criamos significações e fatos sociais num processo interativo tipificado num sistema de atividades que encadeia significativamente as ações discursivas”. Parece que seria exatamente isso que ocorre com o gênero *redação do vestibular*, ou seja, não é suficiente estudar um gênero em si mesmo, mas é preciso também estudá-lo através do entendimento de seu funcionamento social e de sua relação com os participantes, estando estes inseridos em uma cultura e suas respectivas instituições.

A relevância social da pesquisa desenvolvida nesse trabalho justifica-se porque, segundo Vian Jr. e Lima-Lopes (2005, p.34):

Martin (1992, p.560) aponta que uma grande preocupação dos lingüistas sistêmicos tem sido estudar a constituição dos gêneros. Tal preocupação existe porque questões atinentes às relações sociais e aos padrões lingüísticos nelas gerados não estão completamente resolvidas (Vian Jr & Lima-Lopes, 2005, p.34).

Essa relevância é comprovada tendo-se em vista que

o acesso democrático às recompensas econômicas, sociais e pessoais da participação nessas atividades letradas especializadas significou a oferta de oportunidades educacionais para todos, independentemente de suas origens sociais. Assim, entender as variedades da escrita é muito mais que um problema enigmático da Lingüística; é um problema urgente para a educação (Bazerman, 2005, p. 15).

Partimos da idéia de que dominar gêneros, principalmente aqueles realizados na esfera educacional, seria agir politicamente, eticamente, moralmente. Isso devido à sua extrema relevância na sociedade atual, em que a procura por cursos universitários, principalmente em instituições renomadas de

ensino, se acentua cada vez mais, tendo em vista as imposições do mercado, com sua exigência de profissionais qualificados.

1.3. Áreas de pesquisa

Para discutir as questões acima levantadas, essa Dissertação baseia-se em pressupostos teóricos e analíticos de três áreas distintas: a lingüística sistêmico-funcional, os estudos de gêneros e a teoria da argumentação.

Dentro dos estudos de gêneros, as perspectivas sistêmico-funcional (Halliday, 1994; Martin, 1989) e nova retórica (Miller, 1984), bem como as idéias de Bakhtin serviram de base à análise das redações, na tentativa de caracterizá-las ou descrevê-las como gênero discursivo. No tocante aos movimentos argumentativos, foram também utilizados alguns autores da área de análise do discurso de linha francesa. Entendemos os recortes dessas teorias aqui não como excludentes, mas como complementares.

A perspectiva sistêmico-funcional foi adotada como base do trabalho devido à necessidade de uma teoria que não se contentasse com a análise textual pura e simplesmente, mas com a relação do texto com seu contexto situacional e cultural de produção.

1.4. Objetivos e perguntas de pesquisa

O objetivo desse trabalho é estudar a *redação do vestibular* como um gênero discursivo, considerando aspectos lingüísticos de sua realização, bem como aspectos sociais de seu uso. Assim, este trabalho visa o estudo da *redação do vestibular* como gênero enfocando aspectos discursivos e sociais, através do estudo de sua configuração textual e de convenções lingüísticas e de sua realização como processo social.

Visando atingir esses objetivos, as seguintes perguntas de pesquisa são propostas:

- 1-Como se caracterizam as *redações do vestibular* em termos de sua configuração textual?

2-Como se caracterizam as *redações do vestibular* em termos de processos sociais?

3-Como se caracterizam as *redações do vestibular* em termos do discurso acadêmico?

Dentro dessa perspectiva, outros temas se colocam para a discussão, a saber, tais como: a relação do grau de eficiência dos textos com as tipologias textuais e com os processos argumentativos que apresentam; e a relação da utilização de marcadores do contexto e de marcadores de subjetividade dos textos e o seu propósito comunicativo.

Não se objetiva, contudo, traçar um modelo pronto e acabado para a caracterização deste gênero, uma vez que se admite que gênero seria uma “categoria essencialmente sócio-histórica sempre em mudança”, mas descrevê-lo e defini-lo de acordo suas características discursivas e com seu processo de historicidade constituinte. Dessa forma, se pretende aqui estudar o referido gênero não apenas postulando seu aglomerado de elementos textuais, mas a relação desses com a atribuição socialmente condicionada de lugares e papéis de locutores, ou melhor, de enunciadores, em sua situação real de utilização.

1.5. Estrutura do trabalho

Este trabalho foi realizado em sete capítulos, dentre os quais o primeiro é introdutório; o segundo, o terceiro e o quarto são teóricos, onde tratamos de teorias relativas às temáticas de discurso e argumentação, da lingüística sistêmico-funcional, e de gêneros discursivos; o quinto descreve a metodologia de análise, o sexto apresenta a análise dos dados propriamente dita. Por fim, o sétimo e último capítulo apresenta a conclusão e discussão dos resultados.

No presente capítulo, situamos a motivação da pesquisa por parte da pesquisadora e expusemos a justificativa e a relevância do trabalho, bem como as áreas de pesquisa, seus objetivos e sua estrutura.

No segundo, buscamos traçar as diretrizes do que se convencionou chamar de discurso acadêmico, passando pela discussão da questão da marcação ou não da subjetividade, incluindo a definição de discurso científico e de escrita acadêmica. Além disso, são apresentados os parâmetros do que consideramos ser a argumentação. A noção de *topos* é também apresentada, já que nos serviu de subsídio para a análise dos movimentos argumentativos do *corpus* de análise. Por

fim, apresentamos uma breve descrição do percurso de constituição do gênero *redação do vestibular*.

No terceiro capítulo, é apresentado o histórico da teoria sistêmico-funcional, tendo sido incluído, nessa parte, um item em que tratamos desta teoria no contexto educacional, foco dessa pesquisa. Ainda nesse capítulo, fazemos a exposição do que tratamos por contexto situacional e cultural, termos inerentes a essa teoria. Por último, são apresentadas as variáveis de registro.

No quarto capítulo, definições de *gênero* são apresentadas, bem como o que tratamos por *tipos textuais* em contraposição à noção de *gênero*. Além disso, *gênero* e *registro* são definidos dentro da perspectiva sistêmico-funcional; nessa etapa, apresentamos também as noções de *Configuração Contextual* e de *Estrutura Genérica Potencial* (Halliday e Hasan, 1989), e trabalhamos a idéia de gênero como processo social.

No quinto capítulo, que trata dos passos metodológicos, foram apresentados os materiais que constituem o *corpus* de análise utilizado na pesquisa, o contexto onde eles foram gerados, ou seja, as universidades, a localização das mesmas, os critérios de composição das bancas e os temas exigidos. Além disso, foram retratados os participantes, ou seja, a banca e os candidatos. Por fim, apresentamos os procedimentos de análise, que incluem todos os passos da pesquisa, desde a construção do *corpus* e a elaboração do arcabouço teórico, até as categorias de análise.

O sexto capítulo divide-se em duas etapas. A primeira apresenta a identificação de tipos textuais constantes do *corpus* (Marcuschi, 2002), e a discussão do uso de diversas seqüências tipológicas e sua relação com o grau de eficiência dos textos; apresenta ainda a identificação dos movimentos de constituição da argumentação e a discussão sobre o uso de determinados tipos de argumentos e sua relação com o grau de eficiência dos textos. Nessa etapa, é caracterizada a configuração textual do gênero. A segunda etapa trouxe a identificação e exemplificação de formas de marcação do contexto, a identificação e exemplificação do uso de *nominalizações* versus *processos*, e a identificação e exemplificação das marcas de subjetividade/não subjetividade nos textos. Nessa etapa, o gênero *redação do vestibular* é caracterizado em termos de processo social e sua relação com o discurso acadêmico é discutida.

O sétimo e último capítulo apresenta as considerações finais do trabalho.